

## São João Baptista de Gamil

GAMIL, orago São João Baptista, era uma vigararia da apresentação das religiosas do convento de Vale de Pereira, do concelho de Ponte do Lima.

Foi primitivamente uma abadia, mas o seu último abade, Estêvão Ferreira, da casa de Cavaleiros, cedeu esta Igreja e padroado àquelas freiras em recompensa delas admitirem no seu convento duas filhas bastardas, dando-lhes assim o carinhoso pai um bom dote.

Há divergência acerca da origem da palavra *Gamil*.

Segundo uns, vem do genitivo *Galamiri* ou *Ganamiri* dos nomes próprios góticos *Galamirus* ou *Ganamirus*; segundo outros é corrupção do termo árabe *gomia*, arma de arremço, e ainda outros querem derivar este nome da palavra *gamo*, pelo que *Gamil* vinha a ser sítio onde havia muitos gamos.

A primeira opinião parece não ser para desprezar por mais própria e natural.

Nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 vem esta freguesia com a designação —«De Sancto Johanne de *Guaamir* de Couto de Várzea».

No *Guaamir* das Inquirições facilmente se transformou aquele genitivo gótico *Galamiri* ou *Ganamiri* e não vejo justificação plausível para a derivação das outras palavras que alguns escritores lhe querem dar.

Naquelas Inquirições se diz: que «habet ibi domi-nus Rex quoddam Regalengum, quod vocitant Egeaes, de quo dant quintam panis, et jacet extra cautum», que o rei não tem aqui foro «ergo quod Suerius Pelagiz, et Petrus Pelagii, quod fuerunt ad Castellum per forum».

Têm aqui terras Várzea, Vilar de Frades e São Paio de Midões alguns testamentos.

Esta freguesia, nas mencionadas Inquirições, vem compreendida nas Terras de Faria, mas no Censo da População de 1527 a freguesia de *Gusmill*, que é a mesma de Gamil, pertence ao «Jullguado de Penafiel».

Foi nesta freguesia que as tropas leonesas em 1220, comandadas pelo infante Martim Sanches, estacionaram e uniram as suas fileiras antes de romperem as hostilidades contra os portugueses na batalha que se deu *a par da Várzea*.

Esta luta é narrada quando tratarmos da freguesia de São Bento da Várzea.

A Igreja Paroquial era um pouco a leste da actual: ficava por trás do Presbitério, ocupando parte do sítio onde hoje está a cozinha.

Em escavações que aí se fizeram encontraram-se os alicerces do edifício e algumas das sepulturas em pedra, uma das quais ainda hoje existe sem tampa no eido da casa do Sr. José Alves da Cunha e outras foram rachadas para com elas se fazerem paredes no Passal.

Li que esse velho templo se localiza ainda por um prazo do Convento de Vale de Pereira em 1547.

A Igreja devia ter sido mudada para o sítio onde está há uns tresentos anos, fins do século XVII, princípios do século XVIII.

Corre na tradição, não sei com que fundamento, que primitivamente a matriz era em Alconchel.

Se aí esteve devia ser em tempos muito remotos, pois que trezentos anos da actual igreja com não sei quantos do antigo edifício a que atrás nos referimos, afastam-nos muito da existência da matriz em Alconchel.

Contudo arquivo aqui, como me compete, essa tradição.

O edifício da actual igreja é pequeno e baixo.

Está no centro de um diminuto adro e ao seu lado esquerdo ergue-se um modesto torreão para dois sinos, de construção muito posterior, o qual foi reformado há poucos anos por ameaçar ruínas.

Coroando a frontaria do templozinho ainda se vê uma característica sineira, erma de seu morador, dando ao conjunto um ar de venerabilidade, um tanto ou quanto perdida pela recente colocação da pouco apropriada *telha francesa* nos seus telhados.

A substituição nos nossos velhos edifícios dos telhados romano-portugueses pela chamada telha de *marselha* ou telha *francesa* foi a desgraça dos trolhas e a deturpação da estética; um edifício nestas condições dá a impressão de na volta de um caminho rural encontrarmos uma lavradeira, vestida com os seus lindos trajes regionais, mas ostentando desajeitadamente na cabeça um rico chapéu confeccionado pela última moda de Paris.

Posto isto voltemos à matriz desta freguesia

O templo dentro é pequenino mas asseado.

O tecto» do corpo da Igreja é forrado a castanho e o da capela-mor em estuque; os altares são em talha simples, excepto a tribuna do altar-mor que é antiga, muito bem conservada e pintada de novo.

Ao lado direito está a sacristia, pequenina, com lavabo de pedra. Ao lado esquerdo da Igreja, separado desta pelo adro, foi construído o Cemitério Paroquial em 18..., não tendo porém ainda gradeamento nem portão»

O Cruzeiro Paroquial estava perto da Igreja mas foi mudado um pouco para cima, para o lado do monte. É modesto e simples.

Há nesta freguesia apenas uma capela e essa pública: é a *Capela de Santa Cruz do Penouço*.

O seu edifício é pequeno e baixo; tem púlpito, coro e um único altar.

Este altar é de talha antiga e veio da Igreja de São Paio do Carvalhal.

Do lado direito está uma pequenina sacristia.

Fazia-se aqui todos os anos uma festa e romaria importante, hoje decaída.

Esta capela foi fundada em meados do século xix, quando reviveu por este concelho a credence do aparecimento de cruces no solo.

Nesta freguesia há dois *Nichos* ou *Alminhas*: o da Quintão e o de Santa Cruz, este no cruzamento da estrada que conduz à Igreja com a Nacional n.º 4.

É curioso este último nicho, com seu alpendre em duas colunas de pedra, encimado dentro pela seguinte inscrição — «ANO. D. 1861. MISROSASICRU. »

Esta freguesia, situada em planície, é banhada no seu extremo nascente pelo rio Covo e no centro pelo ribeiro das Lameiras, afluente daquele, e servida pela Estrada Nacional n.º 4 de Famalicão a Barcelos, que a atravessa de sul a norte, e pela Distrital de 1.ª classe de Esposende a Braga.

Esta estrada vem daquela vila até Barcelos, onde entra à Praça D. Pedro V naquela n.º 4 e seguindo por ela até esta freguesia, lugar do Jardim ou Martinha, segue na direcção nascente para Braga.

Na bifurcação destas estradas havia um marco com as indicações quilométricas de várias localidades, o qual,

não sei porquê, quem superintende nisto mandou desfazer talvez para cascalho.

Para substituir estes marcos foram colocados à margem das estradas uns outros muito bem trabalhados com uns simples números que só os iniciados sabem o que indicam.

Esta freguesia é ainda atravessada pela linha férrea do Minho e Douro, sendo a sua Estação mais próxima a de Midões.

As suas confrontações são: pelo norte, Santa Eugenia de Rio Covo; pelo nascente, São Bento da Várzea; pelo sul, Midões e pelo poente, Remelhe, Alvelos e Barcelinhos.

A sua população no século XVI era de 20 moradores; no século XVII era de..... vizinhos; no século XVIII era de 49 fogos; no século XIX era de 360 habitantes e pelo 7.º censo da população é de 306 habitantes, sendo 152 do sexo masculino e 154 do sexo feminino, sabendo ler 66 homens e 20 mulheres.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Reborido, Torre, Laranjal, Cepa de Cima, Cepa de Baixo, Boucinha, Castanheira, de Trás da Agra, Monte de Cima, Fonte do Velho, Monte Casal, Barradas, Poça, Quintão, Fontainhas, Pena, Bouça de Trás de São João, Souto da Camba, Manortes, Lavadouros, Lodeiro, Gonta, Viso e Alconchel.

As suas casas mais importantes são: a do Xisto, a da Torre, a de Reborido, a do Jardim, a de Alconchel, a dos Poças, a dos Lavadouros e a da Pena.

As suas fontes públicas são: a de Alconchel, a do Cortinhal, a de São João e a do Xisto.

Tem duas lojas de mercearia, caixa do correio e funciona actualmente aqui uma Escola móvel mista.

Não tem indústria digna de nota.

Nasceu nesta freguesia o Dr. António da Silva Ramos, licenciado em Letras pela Faculdade do Porto, que bem cedo se notabilizou no jornalismo. Faleceu em plena mocidade, no ano 1928, em Bragança, onde foi professor do Liceu.

No cabeço do Penouço, monte de Remelhe, dizem ter aparecido carvões e moedas antigas não sei de que época.

O cruzamento da estrada Nacional n.º 4 com a que vai para Braga é conhecido pelo sítio do Jardim e ainda há bem pouco tempo pelo nome da Martinha.

*Martinha*, diminutivo de *Marta*, era uma mulher que viveu em uma barraca de madeira em frente ao cruzamento das estradas, onde depois foi construída uma casa, e que tinha fama de receptadora dos roubos que praticavam quadrilhas de ladrões, aí por meados do século XIX.

Pessoas que a conheceram me disseram que era uma lavradeira gorda, bem vestida e sempre bem oirada e tal fama criou que deixou o seu nome ao lugar.

Este porém pouco honrado com essa origem trocou-o pelo mais aprazível de Jardim.

Nunca aqui houve jardim propriamente dito. É certo que em o triângulo formado pelas estradas, onde hoje está um pequeno quintal com ramada, o governo mandou plantar umas *mimosas* e, como estas árvores davam flores no seu tempo próprio, a imaginação do povo criou ali um jardim.

Dentro dos limites desta freguesia está a *Carreira de Tiro*.

Compõe-se de um edifício rectangular de amplas dimensões, com dez janelas de frente e grande pórtico de entrada, cinco janelas nas traseiras e duas janelas e uma porta respectivamente de cada lado.

Por cima da porta da frente tem a seguinte inscrição:  
«Carreira de Tiro de Barcelos —1908».

Ao lado está a pista ou carreira de tiro propriamente dita com alpendre, portas e resguardos cavados na terra.

Ministrava-se aqui a instrução de tiro aos soldados, funcionando também durante algum tempo nela uma escola de tiro civil.

Tudo, porém, acabou e há bem pouco tempo o terreno e edifício foram postos à venda, não conseguindo vender-se apenas por falta de comprador!

Mais ao poente, no monte de Maio, estão dois paióis para guarda de pólvora e explosivos. Pertencem hoje a dois negociantes de Barcelos.